

NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA

MOEDEIROS E AMOEDAÇÃO

POR J. FERRARO VAZ

(De um livro a entrar no prelo)

É geral e bem conhecida a deficiência de fontes e monumentos para se desenvolver qualquer tema de história da Idade Média, mas convém salientar, prevenindo e salvaguardando o apoucado da exposição seguinte, que tal deficiência se agrava e degenera em penúria neste caso, quando se quer povoar a galeria de moedeiros dos reis da dinastia afonsina e descrever a técnica da amoedação, paralelamente ao que acontece no caso de determinação das oficinas monetárias onde foi batida a primitiva moeda nacional.

Destes capítulos quase vãos, necessário será tudo aproveitar e aproximar no intuito de construir com as peças que melhor se adaptem.

Começaremos, portanto, por destacar da literatura especializada e disponível algumas passagens interessantes sobre os assuntos em causa — moedeiros e amoedação — a fim de registar as ideias que os informam e a posição em que se encontram; e logo acrescentaremos novos elementos, porventura conhecidos mas ainda não aproveitados, coordenando e colhendo os resultados que pareçam mais verosímeis.

MANUEL SEVERIM DE FARIA escreve nas suas *Noticias de Portugal*, em 1655: «A primeira casa de moeda, que ouve em Portugal, foi no Porto, onde os primeiros Reys deste Reino fizeraõ bater moeda, mandando vir officiaes estrangeiros, porque os naõ avia no Reino, & por isso lhe concederaõ tantos privilegios, como ainda hoje tem» (1).

Não oferece o autor nada a justificar a sua asserção, que será, todavia, mais provável no que diz respeito aos iniciais artistas do que à localização da primeira oficina monetária.

(1) Discurso quarto, § 22.

LOPES FERNANDES limita-se a enunciar generalidades sobre moedeiros e suas corporações, confessando: «Poucos esclarecimentos obtivemos dos nossos moedeiros, e nenhuma noticia sobre os signaes occultos (1) com que elles marcavam as moedas, para saberem quem as fabricava, differençar as suas alterações nas ligas dos metaes, e as officinas monetarias em que eram lavradas, mudando estes signaes quando haviam novos operarios, assim como praticavam nos outros paizes em que existia esta corporação» (2).

TEIXEIRA DE ARAGÃO, ao guiar-nos neste interessante assunto do fabrico das espécies monetárias, concretiza, acerca de moedeiros: «Na abrição dos cunhos para as moedas foram geralmente encarregados em Portugal, assim como nas outras nações, os mais habéis artistas em ourivesaria» (3).

A pesquisa desses artistas, que abriram a nossa primeira moeda, será tarefa assaz difficil (4), pois as escassas referências que se têm encontrado nos monumentos históricos são, além de muito dispersas, quase sempre enredadas com assuntos que pouco ou nada lhe dizem respeito. Em tais circunstâncias, reveste-se de grande valor um documento citado por ARAGÃO, «uma carta régia de quitação a Martim Eannes, collação do rei (D. Afonso III), e a Pedro Martins, ourives da dita cidade, guardas da sua moeda nova, que se fizera em Coimbra por seu mandado, desde 13 de novembro de 1260 a 4 de abril de 1261» (5),

(1) Sinais distintivos de cunhagens, moedeiros e oficinas, que obedeciam a regras secretas. Estes sinais, ou marcas, aparecem em quase toda a moeda de D. Fernando e de D. João I, que manifestamente fizeram profusão dela sob condições, ligas e pesos diferentes, o que motivou a necessidade de distinguir as diversas origens e emissões a fim de se apurar responsabilidades.

JEAN LAFaurIE, in *Monnaies des Rois de France*, 1951, escreve: «Non seulement l'atelier a sa marque, mais chacune des officines qui le composent se sert d'un *différent* particulier. Les émissions successives se distinguent par des marques spéciales, mesure nécessaire, dans la période d'inflation qui précède la chute de l'Empire pour faciliter le contrôle des émissions».

A posição do início da legenda no reverso dos *dinheiros*, bem como os pontos e arruelas que aparecem ora no averso ora no reverso, poderão representar as primeiras manifestações de sinais occultos e distintivos.

«Le *différent* est une petite marque que les *tailleurs particuliers* et les *maîtres des monnaies* choisissaient à leur fantaisie, comme une rose, un soleil, un croissant, une étoile, etc. [...] Le *point secret* était autrefois un point qui n'était connu que des officiers de chaque monnaie. Il se mettait sous quelque lettre des légendes, pour indiquer le lieu de la fabrication» — J. LEFEBVRE, in *Numismatique Générale*, 121. Cf., também, *Numismatique du Moyen Age et Moderne*, por J. B. A. BARTHELEMY, 64.

(2) *Memoria das Moedas correntes em Portugal*, 19.

(3) *Descrição Ger. e Hist. das Moedas... de Portugal*, I, 70.

(4) SOUSA VITERBO, no seu prestigioso estudo acerca dos moedeiros, in *Artes e Industrias Metálicas em Portugal*, embora faça investigação especial e aprofundada, deixa-nos deserto o campo da 1.ª dinastia.

(5) Este documento, de 30 de Novembro de 1264, vem na íntegra in *Diss. Chron. e Crit. de J. PEDRO RIBEIRO*, III, p. II, 77 (2.ª edição).

E' curioso notar que na quitação dada por Afonso III aos guardas da sua moeda nova de Coimbra, faz-se referência a prata, cobre e *dinheiros velhos* como materiais para o fabrico dos *dinheiros novos*; o que é natural, em virtude da Lei de 1261 mandar cambiar 4 daqueles por 3 destes.

pois nos apresenta o ourives Pedro Martins, que teria sido o abridor de cunhos da moeda de D. Afonso III lavrada em Coimbra ⁽¹⁾.

Também transcreve o mesmo autor ⁽²⁾ uma carta credencial (1332) de Lourenço Diaz Bugalho «alcayde e guarda e cabidoo dos obreiros e dos moedeiros de port. laurante a moeda do muy nobre Senhor Dom affonso (IV) [...] na cidade de Lisboa», passada a favor de João da Granja «...compalhom no offizio da dita moeda» e dirigida aos cabidos dos moedeiros de Castela, Leão, Navarra e Aragão, onde se invocam privilégios ⁽³⁾, usos e camaradagens das corporações. Tal documento, confirmando a oficina de Lisboa da época, fornece estes e outros nomes ⁽⁴⁾, entre os quais estarão possivelmente abridores de cunhos de D. Afonso IV.

Num censo de moradores e bens que D. Fernando mandou fazer

(1) «E' de suppor que o ourives Pedro Martins abrisse os cunhos da moeda nova», diz **ARAGÃO**, e assim devia ser, como se infere de outros documentos de Afonso III, onde aparece ainda outro nome ligado à amoeção: «Petro martinj aurifice et monetario Colimbriense» ou «Petrus martini mej monetarij in meo thesauro sancte crucis» e «Martinum Matheum Magistrum de mea moneta», in *Boletim da Segunda Classe da Ac. das Ciências de Lisboa*, vol. VII—•O tesouro de D. Afonso III no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra», por **PEDRO DE AZEVEDO**.

(2) *Ob. cit.*, I, 55, nota 5. Num trabalho anterior, «Preço de Amoeção e Valor Intrinseco dos Dinheiros», transcrevemos um doc. de 1 de Junho de 1303, onde vêm nomes de três funcionários da Casa da Moeda de D. Dinis: o tesoureiro Gil Eanes e os vedores Fernão Pais e Vicente Martins. (cf. *NVMMS*, n.º 8, 1955).

(3) **ARAGÃO**, in *ob. cit.*, I, 55, nota 4, publica, como o mais antigo documento conhecido, uma carta régia de D. Dinis, de 1324, referente a privilégios de moedeiros. A propósito, anotando que nesta carta não se fala em antecedentes, citaremos outro diploma de D. João I, a tratar do mesmo assunto em 8 de Nov. de 1385, porque parece vir confirmar não haver documentação anterior. Assim, diz o rei: «fazemos saber que o nosso alcaide e moedeiros e thesoureiro e officiaes e escrivam da nossa moeda da muy nobre e leal cidade de lizboa Enviaron perante nos mostrar privilegios dos muyto nobres reis dom denys nosso visavoo E delrey dom afonso nosso avoo e delrey dom pedro nosso padre E delrey dom fernando nosso irmaão aos quaaes deos perdoe seelladas dos seus verdadeiros seclos» (Docs. do Arq. da Casa da Moeda). Num ms. da Biblioteca Nacional, sob a designação *Privilégios aos Moedeiros*, cota F. G. 6422, vem esta carta com a era de 1420, mas entre docs. de 1422 e 1431 a denunciar o erro, aliás manifesto. J. **PEDRO RIBEIRO**, in *Add. e Retoques à Synopse Chron.*, regista mais: sob D. Pedro I, na data 10 de Junho de 1357, a «Carta de Privilegios dos Moedeiros, já concedidos pelo Snr. D. Diniz» (*Livro da Ch. f. 1 v.*); e sob D. Fernando, 1370, a «Carta de Privilegios dos Moedeiros de Lisboa», de 3 de Março, e a «C. de Privilegios aos Moedeiros da Cidade do Porto», de 4 de Março (*Liv. I da Ch.*, fls. 53 e 54).

O papel importante que desempenhavam os moedeiros na sociedade deu-lhes desde longa data foros especiais. Entre os Romanos, ensina **BARTHELEMY**: «ils formaient une véritable corporation, qui devint assez nombreuse pour inquiéter quelquefois l'empereur quand elle se révoltait. [...] tous réunis formaient un corps appelé *familia monetalis*» (*Numismatique Ancienne*. Paris, 1851).

(4) Com dois tabeliães da moeda, assinam ainda «Steuam ribeiro. joham tomas. Gil garcia de seuilha. Affonso michel. Domingos mata maar. Saluador affonso. Pedro de burgos. joham gonsaluez de leom. Pero steus da quinha. Roy sanches. Affonso perez de leom. e outros» (**ARAGÃO**, *loc. cit.*, nota 5).

Uma carta régia de D. Afonso IV, de 6 de Março de 1325, fornece o nome de um alcaide anterior a Lourenço Diaz Bugalho: «sabede que eu querendo fazer merce a afonso perez faytellas que lhe dey mynha carta per que fosse alcaide dos meus moedeiros assy como ante era em tempo delrey dom denys» (*Arq. da Casa da Moeda*).

em 1369 para efeito de concorrerem na construção da cerca necessária à defesa de Lisboa, aparece «Domingos Anes, moedeyro de Lixboa», possuidor de mil libras (1); e numa carta régia de 1370 figura «Johane Affonso», alcaide da moeda de Lisboa, a quem o mesmo rei se dirige para lhe ordenar que julgue sem delonga quaisquer feitos que haja entre o Concelho e os moedeiros (2).

Os poucos oficiais da moeda que mencionámos, com insuficiente informação e algumas dúvidas, servem apenas os reinados de Afonso III e seguintes. Para os reinados anteriores ficamos quase reduzidos a conjecturas.

Associando ideias, haverá a referir nos princípios da dinastia afonsina, outros possíveis moedeiros entre os nomes apelidados de ourives, mas destes apenas destacaremos três por apresentarem algumas probabilidades de corresponderem à qualidade que lhes pretendemos imputar e se collocarem nos primeiros tempos. São todos da época do Rei D. Afonso I: «Petro aurifice» que, recebendo em 1131 do Arcebispo de Braga, D. Paio Mendes, uma herdade, «iacenciam in territorio bracharensi scilicet infra ciuitatem et extra», em retribuição dos seus serviços em obras de ouro, prata e outros metais para a Catedral (3), reaparece mais tarde, ao lado de sua mulher Gelvira Midiz, como fundador de um hospital e da igreja de S. João do Souto, em Braga, objectos de doações à Ordem do Hospital entre 1145 e 1150 (4); finalmente, «magister Ptolomeus» e «Felix aurifex» (5), que trabalharam metais preciosos para a Sé de Coimbra no tempo do bispo D. Miguel, 1162-1176 (6).

*

Quando pretendemos estudar a técnica da amoedação deparamos, também, com um vazio quase total de testemunhos da época: não se conhecem nem cunhos nem utensílios e os documentos encontrados escassamente se lhes referem. Todo aquele material de ferro ou aço, teria desaparecido, ou ficaria

(1) Doc. 5 do «Livro II del Rey Dom Fernando» — in *Documentos para a história da Cidade de Lisboa*.

(2) Doc. 4, *loc. cit.*

(3) Arq. Dist. de Braga, Gav. das Propriedades da Mitra, doc. 69.

(4) Monsenhor FERREIRA, com referência ao *Liber Fidei* in *Fastos*, I, 305.

(5) *Livro Preto*, apud PIERRE DAVID, *A Sé Velha de Coimbra*.

(6) Teremos ainda mais dois nomes e duas épocas a registar: D. Diogo Dias e o filho, D. Vicente Dias, que serviriam a moeda com D. Sancho I e D. Afonso II, como se poderá concluir dos textos seguintes. «Os Livros de Linhagens» contam que «D. Pero Paes o alferes (alferes mor de D. Afonso I) fez huma filha em barregan que ouve nome D. Examea Peres, e foi casada com D. Diogo Dias, e ouverão hum filho que ouve nome Vicente Dias, e se vê casado com D. Boa...» (*Port. Mon. Hist. Scriptores*, I, 182); e falam num «dom godinho que foy do linhagem dos moedeiros de coynbra» (*ib.*, 202). E, por sua vez, MANSO DE LIMA coordena os nomes que se relacionam com o fabrico da moeda: «D. Godinho diz o conde D. Pedro no seu nobiliario pag. 155 que foi muito honrado e muito rico e muy privado del Rey D. Afonso de Castilla, que foi o que teve o cognome

irreconhecível sob um processo de oxidação através dos séculos; e além disso, como se sabe, era uso quebrar os cunhos (1), isto é, inutilizá-los sempre que falecia o soberano que lhes dera o nome.

Apesar de tudo isto, é notável carência tão completa de quaisquer utensílios empregados no fabrico da nossa moeda medieval porque, através dos mesmos elementos destruidores, chegaram até nós alguns dos cunhos que em épocas mais remotas bateram moedas dos romanos, algumas das quais nos falam do seu fabrico, ostentando na figuração os instrumentos então usados (2).



Denário romano (48 a. C.)



Dinheiro de Luis I de França (814-840)



Desenhos de dinheiro e obulo do mesmo rei

de Sabio. Diz também que era da linhagem dos moedeiros de Coimbra e assim parece que era filho de D. Vicente Dias de Coimbra capitam ou presidente da casa da moeda de Coimbra officio que já teve seu pay, por cuja rezam foram chamados os moedeiros... (Manuscrito da Biblioteca Nacional, *Famílias de Portugal*, letra G, t. 2.º, 171).

(1) A este respeito diz-nos **ARAGÃO**: «Não deve admirar a falta dos cunhos antigos, pois a sua destruição fazia-se ordinariamente depois da morte do soberano com a quebra dos escudos»; e confirma com a Lei de D. Sebastião, de 2 de Janeiro de 1560, que manda «... desfazer os ferros com que até agora se cunhava a dita moeda. E que ao quebrar, e desfazer os ditos ferros, sejam presentes...» vários funcionários (*ob. cit.*, I, 67 e 410).

A. DIEUDONNÉ, confirma: «On possède quelques coins du moyen âge, mais en petit nombre, sans doute parce que, après chaque émission, il était prescrit de les rompre» (*Manuel de Numismatique Française*, II, 24).

(2) **LENORMANT**, *Monnaies et Médailles*, descreve-nos alguns cunhos antigos de bronze e aço, reproduzindo dois exemplares romanos distanciados no tempo. Por seu turno, as moedas que



As conjecturas e hipóteses que têm aparecido para explicação do fenómeno de tudo faltar, bem como do que toca ao fabrico, não satisfazem completamente.

TEIXEIRA DE ARAGÃO, ao encarar o problema, aventa: «Os *dinheiros* dos dois Sanchos e dos primeiros Affonsos mostram, na maior parte, o cunho *bracteates*, vendo-se no R/ do relevo a pressão mais pronunciada na cruz. Parece que a fabricação era feita com os cunhos de madeira, batidos a martello, e por conseguinte pouco duráveis. Este systema principiou na Suecia nos fins do seculo VIII, estendendo-se depois a outras nações da Europa» (1).

Ignoramos a história da amoedação na Suécia (2) mas, ainda que na cunhagem unifacial das delgadas lâminas de ouro ou prata, que são as peças denominadas *bracteates*, se tenham usado cunhos de madeira, no nosso caso tal técnica é inverosímil. Embora nos falem notícias dos cunhos, temos em abundância as peças que com eles se fabricaram; e estas respondem cabalmente, pela dureza do seu material, necessitarem de cunhos com a têmpera do aço.

Somos levados a crer que a técnica de lavar moeda (3) teria sido sempre a mesma, quer usando o martelo, a princípio, quer usando a máquina, mais tarde: esmagar entre dois cunhos abertos ou puncionados no ferro (logo endurecido pela têmpera) a lâmina ou disco de metal a amoedar.

damos à estampa ilustram os utensílios de amoedação em épocas e países diferentes — em Roma antes da era cristã, e em França já no decorrer do século IX.

A propósito do *dinheiro* de Luís I de França e do processo da amoedação na Idade Média, diz **BENJAMIN FILLON**: «Les coins étaient des morceaux de fer poli, dont la surface avait été égalisée à la lime (ce qui explique les raies transversales du champ de quelques pièces carlovingiennes), sur lesquelles les lettres étaient enfoncées à l'aide d'un petit nombre de caractères très simples, qui variaient selon l'époque et les exigences graphiques [...] Le burin rectifiait les imperfections de ce travail expéditif, et la trempe durcissait ensuite les coins. L'emploi du procédé que j'indique avait pour effet d'occasionner aux arêtes des lettres une espèce de renflement causé par l'écartement du métal. Ce renflement est visible sur beaucoup de monnaies» (*Considérations Historiques et Artistiques sur les Monnaies de France*, 118). E' o que se verifica, por exemplo, nos *morabittinos*.

(1) Ob. cit., I, 159. Cf. **J. LEFEBVRE** in *Traité Élémentaire de Numismatique Générale* (1850), onde se lê sob o título de *Médailles Bracteates*: «la plupart sont d'argent, presque toutes frappées en creux, et par conséquent sur un seul côté: plusieurs ne paraissent l'avoir été que sur des coins de bois [...] communes en Suède, en Danemarck, et dans les diverses provinces de l'Allemagne, où l'usage s'en est perpétué longtemps, elles sont très peu connues dans les autres pays de l'Europe. [...] Il paraîtrait venir de la Suède où il put commencer vers la fin du VIII^e siècle» (pags. 94 e 95). E **BARTHELEMY**, referindo-se à moeda antiga, escreve: «Les coins eux-mêmes ne paraissent pas avoir été faits en métal bien solide; car il est excessivement rare, pour ne pas dire impossible, de trouver deux monnaies frappées avec le même coin» (*Numismatique Ancienne*, 12).

(2) Além de **J. LEFEBVRE**, acima referido, vide **J. LELEWEL**, in *Numismatique du Moyen-Age* (1835) et **E. BRENNER**, in *Thesaurus Nummorum Sueo-Gothicorum* (1731).

(3) Ou bater moeda, como geralmente se usou; embora também se fundisse, em Portugal Continental (cobre) e na Índia (calaim), nos séculos XVI e XVII.

Vem a propósito respigar de um recente artigo do Prof. D. FELIPE MATEU Y LLOPIS, intitulado *La Técnica Medieval de las Acuñaciones Monetarias* (1), algumas passagens que têm inestimável interesse neste capítulo, embora o texto seja apoiado em «información documental sobre la técnica de las acuñaciones en los siglos XIV y XV [...] del Reino de Valencia».

Entre as operações fundamentais são descritas a «Acuñación propiamente dicha, esto es, puesta de los cospeles entre las dos piezas: la inferior, fija, llamada *pila*, y la superior, o móvil, llamada *troquel*» e «Golpeo por el mismo monedero, o por otro compañero, con el martillo para producir la moneda».

Na descrição minuciosa das dependências da oficina, aparece-nos: a «casa de la fundición, donde había yunques, martillos de distintos tamaños, crisoles, hornillos, tenazas para sostener los crisoles, *pedras rieleras*—para obtener los moldes o rieleles—, fuelles, bacines y otros utensilios»; e «el departamento del entalle» onde, diz e sublinha, «había punzones de letras—dato importantísimo» (2). Seguem-se muitas outras notícias e ensinamentos mas, para não enredar os assuntos que mais importa salientar, destacaremos aqui apenas mais a passagem que trata do «blanqueo», cuja operação descreve nos seguintes termos: «en las calderas se ponía la moneda en agua hirviendo, sal y tartrato de potasio [...]. El maestre de la ceca las pesaba (as moedas) antes y después del blanqueo».

Em Portugal tudo se passaria paralelamente e a técnica dos séculos XIV e XV não seria muito diferente do que vinha sendo usado desde a origem ou meados do século XII, como tudo parece indicar e, ainda, como pode inferir-se dum documento de Santa Cruz de Coimbra, em que se nomeiam os utensílios de cunhar a moeda, aí guardados no tesouro régio em 1270 (3). E' cheio de interesse este documento porque, além de nos dar a conhecer materiais e ferramentas da época, porventura do que pertenceu à oficina de Coimbra donde saíram *dinheiros novos* de Afonso III, fala-nos ainda de

(1) In *Numisma*, revista da «Sociedad Ibero-Americana de Estudios Numismaticos», Año I, Num. 1, 1951.

(2) Suspendemos o texto neste ponto para destacar este «dato importantísimo». Mas, em virtude do valor das informações que contém, seja-nos permitido transcrever aqui mais o seguinte: «los inventarios nos dicen que había treinta y un punzones de letras, correspondientes al alfabeto: lo que explica las inversiones, omisiones, cambios involuntarios, olvidos por distracción del entallador y otros casos; con los punzones se grababa la inscripción en el cuño; también había punzones para otros elementos del mismo, como los adornos que se repetían en las acuñaciones, el busto o la cabeza del monarca y los escudos se renovaban, según los casos, y, sobre todo, el primero era la obra del orfebre conocido, del autor de tal o cual pieza de orfebrería de las que enriquecían el palacio de los reyes; los plateros eran, pues, los autores de las matrices monetarias».

(3) Este doc., citado no artigo «Classificações e Achados», in *NVMMVS*, n.º 4 (1953), é transcrito adiante, em «Apêndice».

«denarii brangidos et nigri», que serão os *dinheiros* branqueados e negros que aparecem na numária deste rei e que fomos levados a distinguir na catalogação por apresentarem também características de cunho e peso suficientemente distintas para permitir separá-los.

Muito oportunamente, devido à coincidência com o que se disse acerca da existência de punções de letras, vem o que diz TEIXEIRA DE ARAGÃO, ao tratar dos *reais* do Mestre de Aviz (1383-1433): «... as letras eram postas a ponção, e o cunhador não só as espaçava ou apertava à sua vontade, mas escrevia a seu modo; por isso vemos o O em vez do U, o N em vez do M, etc.» (1).

Aproximando esta passagem e o mais que nos diz respeito, com o que acontecia nos reinos vizinhos, teremos suficientemente reconstituída a preparação dos nossos cunhos.

Como complemento ajuntaremos que, da análise e aproximação de grande número das primeiras moedas, batidas a martelo, conseguimos separar exemplares de *dinheiros* iguais ou saídos dos mesmos cunhos, embora alguns possam à primeira vista apresentar pequenas diferenças, ocasionadas pela irregularidade na espessura do metal amoedado ou por pressão mais ou menos forte e correcta da martelada do moedeiro.



Dinheiro de D. Sancho II
(ampliado 2 x)

O exemplar de *dinheiro*, aqui ilustrado, revelando ter sido batido em duas posições diferentes dos cunhos, correspondentes a marteladas conse-

(1) Ob. cit., I, 213.

•L'emploi des poinçons mobiles pour les lettres des légendes monétaires, au moins chez les Romains, est attesté par les lettres renversées, déplacées, transposées et autres accidents de même nature... •Pendant toute la durée du moyen âge, on continua à faire usage, pour la fabrication des monnaies, des mêmes procédés que dans l'antiquité, sans aucun perfectionnement mécanique». (LENORMANT, *Monnaies et Médailles*, 42 e 234).

Quanto à operação de moedagem na Idade Média, ainda se pode ler com interesse, entre outros, A. DIEUDONNÉ, in ob. cit., II, cap. II.

MOEDEIROS DO SÉCULO XII



Moedeiro de Saint-George
Num capitel do exterior da ábside da
abadia de Saint-George de Boscherville
(França)



Moedeiros de Salamanca (1)
Num capitel do claustro da Sé Velha
de Salamanca (Espanha)

(1) José Gudiol Ricart e Juan Antonio Gaya Nuño, in *Ars Hispaniae* (1948), vol. V, dão notícia destes moedeiros (pag. 274) que aqui publicamos. No entanto, Felipe Mateu y Llopis inicia o seu artigo acerca de «La técnica medieval de las acuñaciones monetárias» pelo seguinte período: «No se conservan en España, o al menos no nos son conocidas, manifestaciones plásticas de la técnica medieval de las acuñaciones monetarias, tales como escenas de monederos en miniaturas, capiteles, vidrieras, relieves varios o pinturas de cualquier época o estilo» (*Numisma*, ano I, n.º 1, 1951).

cutivas, mostra permanecer sem alteração o conjunto símbolo-legenda; e confirma o facto, imposto pela técnica, de terem as primeiras moedas resultado de cunhos completos, isto é, contendo todos os elementos que nelas figuram, o que é óbvio para quem não confunda cunhos com as moedas deles resultantes.

«Au reste, ce n'est que des monnaies elles-mêmes que l'on peut tirer des inductions sur les procédés de la fabrication primitive».

(LENORMANT, *ob. cit.*)

A P Ê N D I C E

O prior de Santa Cruz de Coimbra retira do tesouro real e entrega a Fr. Martinho de Alcobaça, aí enviado por D. Afonso III, vários instrumentos e metais usados na amoedação, *dinheiros, morabitanos*, etc.

«Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris qui ego frey Martinus d'Alcobacia esmolnarius domini Alfonsis Regis portugalie et Algarbii confiteor et recognosco me recepisse a domino petro Sugerii priore monasterio sancte crucis Colimbriem et conventu ejusdem et Dominico ihannis quondam Almozarifo Domini Regis in Colimbria, petro ihannis repositario domini Regis per suam litteram apertam concedente et mandante per me: v capelles de ferro per ad funditionnem et unum campacho et duos cocres ferreos et duos brangidoys de cupro et duas sartagine et tres trolas et duodecim reeleyras de ferro et unum pesum magnum de ferro cum tabulis de madeyro et unas balanzas de cupro et tres molles de ferro et tres palas de ferro et unum cutellum magareyrum et unum cabum de ferro de cocre et duos martelos et unum ebotadoyro et unum sachum et unum pondus de ferro (d'una arrova). Item nungentos triginta parelios per ad monetandum denarios et XXII siceys et trecentos nanaginta quinque arrataes de cupro et centum et quator arrataes de plumbo et nungentos et septuaginta et octo arrataes de azo coronato. Item II saccos de denariis brangidos de quingentis libris. Item decem et octo libras et septem solidos de denariis brangidos et nigris et triginta et septem morabitanos et quator quadratos in auro et unam mediam marcham d'auro et decem morabitanos novos in auro et unum morabitano alcozovil in auro et II morabitanos alfonsiles in auro et unum morabitanum meloqui in auro et tres morabitanos veteres in auro. Item duodecim libras et XV arrataes de denariis Turonenses. Item VI arrataes et IX et de pectavus. Item de lavaduras et

d'asento tres saccos de trecentis et vigintis arratheis et supradictam omnium et singulam recepi de Thesauro predicti monasteiro Sancte Crucis per cartam domini Alfonsi Regis portugalie et Algarbii quam cartam inde predictus prior tenet in testimonium et per se predicto Domino priore et Dominico ihannis quondam almoxarifo Colimbrie cum clavis quas tenebat de ipsis archis in quibus sedebant omnia supradicta et predicto frey martino elemosinario domini portugalie com clavis de earum archarum quas michi petrus ihannis repositario domini Regis dedit. Et ut haec preterea in dubium venire non possit fecimus fieri duas cartas divisas per alphabetum per manum Egidii vicentii publici Thabellionis Colimbrie quarum Ego predictus frey martinus elemosinarius domini regis unam teneo et dicto prior et conventus sancte Crucis cum dominico ihannis predicto tenent altram. Actum fuit hoc in predicto monastiro Sabbato XV die marcii. Era MCCCVIII. Et ego predictus Egidius vicentii publico tabellio Colimbrie predictis omnibus et singulis interfui et manu propria scripsi et signum meum apposui in testimonium hujus rei. Qui presentes fuerunt: Ihannis Gunsalvi Almoxarifo Colimbrie, Dominicus menendi Thabellio et scriba domini Regis, petrus salvatoris de prope runam fernandus parente Dominicus bartholomi, Michael de mene, petrus gunsalvi petenarius cives Colimbrie, petrus pet delodeu, pelagius egee, Ihanniis d'Alfanxi homines domini Regis, prior claustris Dominus petrus petri sacrista, petrus ihannis Vimaren, Laurentius petri Dominicus Gunsalvi Cancellarius predicti domini prioris predictis omnibus interfuit et scripsit».

Documentos de Santa Cruz; lição de **G. DE ALMEIDA SANTOS**, in *O Arch. Português*, III, 209. Cf. outra lição, de **PEDRO DE AZEVEDO**, in *Boletim da Segunda Classe*, da Academia das Ciências de Lisboa, VII, 240, doc. IX.